

A COMPANHIA ITALIANA DO «PICCOLO TEATRO», DE MILÃO, TRIUNFA EM PARIS COM PEÇAS DE GOZZI E DE PIRANDELLO

A «troupe» italiana de comediantes do «Piccolo Teatro», de Milão, após ter triunfado em Cambridge (Inglaterra) e nos festivais internacionais de Zoute e de Zurique, deu em Paris, no «Champs-Élysées», uma curta série de representações, com peças do Carlo Gozzi, Máximo



Gorky e Pirandello. Os artistas transalpinos causaram impressão tão viva na crítica parisiense que um homem como Jean - Jacques Gauthier, depois de assistir à estreia de «O Corvo», de Gozzi, não hesitou em escrever:

Tive a impressão, ontem à noite, de que acabava de presenciar a criação do próprio mistério teatral, que é, a um tempo, ciência, labor, expressão, comunhão e inteligência.

O «Piccolo Teatro» representa qualquer coisa de diferente no panorama da cena italiana. Na verdade, é a primeira vez que existe em Itália uma companhia permanente, com os seus figurinistas, os seus decoradores, os seus «ateliers», os seus cursos de arte dramática e de dança. Anteriormente, as companhias eram formadas todos os anos ao acaso dos repertórios e à base de uma vedeta, companhias essas que, durante alguns meses, iam de cidade em cidade representar uma vez em cada localidade, cinco ou seis peças, escolhidas para realçar os méritos da primeira figura.

A iniciativa da fundação de um «Teatro Fixo» deve-se ao perfeito de Milão, «signor» Greppi, que encontrou em Paulo Grassi e no jovem encenador Georgio Strehler dois

colaboradores preciosíssimos. A companhia estreou-se em Abril de 1947, no teatrinho do Palácio del Broletto, na via Rovelo, com a peça «Bas - Fonds», de Máximo Gorki.

Armand Salacrou, famoso dramaturgo francês, que conheceu Georgio Strehler em Milão, defini-o desta maneira: «Fiquei estupefacto com o conhecimento que este homem de menos de trinta anos, tem do teatro europeu. Uma temporada que passou na Suíça, durante a guerra, proporcionou-lhe ocasião para estudar e reflectir. Hoje conhece os autores franceses como um sábio historiador de teatro. Muito diferente de Jean-Louis Barrault, assemelha-se-lhe pelos seus de ejos e pela sua lúcida vontade. Para Georgio, a vida só tem significado num palco, entre os «adecora», a inventar gestos para exprimir o inexprimível.

Há alguns meses, vi Strehler ensaiar um «ballet», num fim de tarde de fim de primavera, no silêncio da imensa sala do Scala, negra e dourada. Como me senti bem perto dele! Com que alegria eu vi este homem tão jovem, mestre de si próprio, animando o grandioso cenário dos seus próprios sonhos...».

